

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.ª
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. Taltaba—Lisboa • Telefone: 7
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Organização

Vai ter a sua primeira reunião no dia 31 do corrente mês o conselho confederal, que vem de ser convocado pelo comité da C. G. T. e ao qual este apresentará um relatório dos trabalhos que tem efectuado desde o Congresso de Coimbra.

Folgamos com a notícia, que nos vem anunciar que a central dos sindicatos vai enfim, com a constituição da assembleia de representantes dos organismos aderentes, entrar numa vida regular, com o que muito lucrará não só a própria C. G. T., mas também toda a classe operária organizada, que deste modo poderá directamente tomar um mais atento conhecimento de importantes problemas que na hora presente convulsionam o mundo proletário e discutir esses problemas, procurando encaixá-los com toda a acuidade, uma vez que atravessamos uma época em que é mister pôr todo o cuidado no exame dos assuntos para os quais é chamada a atenção dos organismos criados pela classe trabalhadora.

Lastimável é, porém, que só depois de volvidos sete longos meses sobre a realização do II Congresso Nacional Operário vá reunir o conselho confederal, que podia e devia ter iniciado os seus trabalhos há muito tempo já, se da parte de alguns dos nossos organismos de resistência houvesse a louvável preocupação de darem a necessária praticabilidade às resoluções tomadas nas magnas reuniões, preocupação que infelizmente nem sempre se regista, e agora mais uma vez isso se verificou, porquanto, a despeito dos apelos nesse sentido feitos pelo comité confederal, ainda há federações e uniões de sindicatos, como na sua última nota o acentuava aquele comité, que não responderam às circulares que lhes foram enviadas!

Enquanto continuar a registar-se semelhante desinteresse não poderão as organizações que o patenteiam criticar com justiça o desleixo que a classe oposta põe na realização de encargos a que se compromete, e quando a tal crítica se abalançam arriscam-se a

que lhes lancem em rosto acusações idênticas, o que as deixaria muito mal colocadas.

E' quasi certo, todavia, que dos organismos que tam mal tem compreendido o seu papel, e aos quais falece, por isso mesmo, autoridade moral para censurarem quem quer que seja, terão partido acusações à central de sindicatos por esta não ter realizado uma maior soma de trabalho.

E' que em regra os indivíduos e os organismos que menos fazem são os que mais exigentes se mostram, e não admira que assim suceda, porque nalguma coisa há de entreter os seus ócios, uma vez que o trabalho não lhes absorve positivamente a maior parte do tempo...

Estimaríamos nós, no desejo de ver afirmar-se e progredir a organização de classe dos trabalhadores, que todos os elementos que a ela estão directamente ligados concorressem para esse efeito com uma parte do seu esforço, na certeza de que não há outra forma de ela avançar no caminho das realizações, que para serem eficientes reclamam o concurso duma minoria que seja capaz de diariamente dar-lhe um pouco de actividade.

Igualmente se impõe que todas as instituições operárias que, pela natureza das suas funções, são chamadas a participar da C. G. T., contribuam com a sua pronta colaboração a dar-lhe a vida que é mister que ela tenha e que só será possível desde que cada um daqueles agrupamentos encare com plena consciência o seu papel.

Agora que vai reunir pela vez primeira o conselho confederal, logo iremos ver se os organismos que o compõem, mas os delegados que representam esses organismos, se capacitam de que os momentos tem havido em que os nossos comuns adversários lutaram animosamente no intuito de manterem o seu predomínio, nunca como no presente instante essa luta foi mais aguerida nem mais desesperada, motivo porque os nossos ataques devem ser dirigidos com dobrada perspicácia.

NÃO APOIADO!

LOCUTORIO DUM INSURRECTO

Começou por empenhar o relógio. Os dias foram passando, longos, intermináveis, naquela monotonia da desocupação, mais flagelante ainda que a monotonia da oficina. A greve, longe de caminhar para uma resolução breve, dava antes gestos de tornar-se eterna. E o espírito dele, rijo e intrépido, animoso e firme, entrou, pouco a pouco, a aniquilar-se de desânimo. Começou por empenhar o relógio; acabou por empenhar a cama. E o tempo decorria, as horas sempre iguais e sempre tristes, sem uma nova, sem uma esperança. Passou depois a procurar os amigos para recolher deles o parco auxílio que dos desamparados é lícito requerer. Exgotado este recurso, ficou só. Esperou. Esperou do tempo a resolução desse seu problema de miséria, que o mesmo tempo lhe criara. Mas o tempo rolou desimpertado e impassível, sem cuidar dele, a acrobacia de momento para momento. Já greve? A greve maninha-se, cada uma das partes disposta a não transigir. Uma noite, olhando em redor na casa esvaziada e desguarnecida, apossou-se-lhe da alma uma grande desolação, ante aquelas paredes nuas como um deserto, agressivas como o portão duma cadeia. Tinha fome; e saiu.

Na rua, o sofrimento superiu-lhe desgostos envenenados. Foi dar com o corpo ao banco dum jardim, e ali ficou momentos, absorto em premeditações indefinidas. Veio um guarda e escurrou-o. Encontrou logo em seguida um conhecido, que lhe ofereceu um copo de aguardente. Não tinha almoçado; não jantara; não ceara; e aceitou o copo de aguardente. Instantes depois estava de novo só. A ideia de voltar para casa repeliu-a com horror. Apavoravam-no aquelas paredes tumulares. Antes de ir para a cama, pensou em escrever uma carta ao patrão. Mas não tinha papel nem caneta. E como ao espírito dele tivesse acudido a lembrança do patrão ranguente e passou-lhe no olhar um relâmpago sangüíneo. O patrão... No fim de contas, que desigualdade de forças há nestas longas greves de resistência. O patrão lutava com o dinheiro que a exploração continuada dos trabalhadores lhe grangeara; os operários mantinham-se à custa de indizíveis privações, sofrendo a fome. O patrão, o patrão... Representou-se-lhe no espírito a figura acrescida ao patrão, o seu olhar hipócrita, a sua face glabra, aquele seu melílluo modo de falar... O patrão, o patrão... Mas que estranha e perversa teimosia mantinha o estupor naquela intransigência de carrasco, a proter a resolução duma greve que já aos operários ia levando os últimos recursos? Cederem estes? Esta perspectiva duma humilhação fê-lo ranger os dentes novamente. A fome esfacelava-lhe o estômago em crueldadíssimas guinadas. E foi-se, cego de raiva, rua abaixo, sem destino fixo, mas de punhos crispados, numa alucinação que lhe velava a consciência. Ao voltar da esquina, um indivíduo alto topou violentamente com ele. O choque trouxe-o à realidade. O patrão! Era ele! Ah! o malvado! E, na obscuridade trágica da travessa silenciosa, atirou-se-lhe ao gaste como um tigre. A violência do ataque manietou o outro. Rolaram ambos por terra. E, por instantes, a branqueira na treva, foram visíveis duas mãos crispadas, apertando freneticamente, estranguladamente, e um corpo convulsionado, a procurar libertar-se para logo após ficar imóvel, na obscuridade trágica da noite...

Para que os nossos leitores, possam apreciar, devidamente, a vontade que os trabalhadores tem em aniquilar as vítimas do tramo que arquitetaram, inserimos o libelo acusatório que, depois de enunciar os nomes dos acusados, começa assim: Diz o agente do ministério público, com fundamento nos artigos seguintes: 1.º Prova-se que os reus tendo constituído uma associação de malfatores com o fim de praticar furtos nas quintas próximas desta cidade, sob o pacto secreto entre eles firmado de não revelar a existência da associação ou dela não fazer parte quando para isso fosse convidado pelo artigo 2.º do Código Penal.

2.º Prova-se que na execução dos fins da Associação, em que eram direcção ou comando os reus Miguel Joaquim Faria e José Sebastião Cebola, todos os reus praticaram vários furtos nos últimos cinco anos, estabelecendo o pavor entre os habitantes da região.

3.º Prova-se que em Maio de 1917, mas em dia que dos autos não consta, assaltaram a quinta do Espinho e furtaram ao queixoso Joaquim António da Costa, 45 decalitros de azeite que ali tinha depositado, no valor de 117 escudos.

4.º Prova-se que em Novembro de 1918 em noite não indicada nos autos arrombaram a porta do armazém existente na referida quinta do Espinho e dali furtaram ao mencionado Costa mais 500 decalitros de azeite no valor de 300 escudos.

5.º Prova-se que no ano findo de 1919, de 20 a 25 de Fevereiro furtaram ao queixoso Manuel Dias Rodrigues Descalço vinte e cinco borregos no valor de 125 escudos e nos últimos cinco anos a esta parte e por diversas vezes várias cabeças de gado no valor de 125 escudos e ainda mais 10 chibos com o valor de 12 escudos o que preiza o total de 262 escudos.

6.º Prova-se que anteriormente em dia de Janeiro do citado ano de 1919 furtaram ao queixoso Manuel Lopes da Mota Capitão, 70 galinhas, 5 coelhos, 4 patos, uma porção de laranja, 2 machados e 1 forquilha tudo no valor de 200 escudos, assaltando para esse efeito, a Quinta do Escrivão, que ao mesmo pertence.

7.º Prova-se que na noite de 12 para 13 de Junho de 1919, entraram na quinta de D. Helena, pertencente ao queixoso Domingos Fernandes Canelas e dali furtaram uma porção de batata, 1 ovelha e 1 borrego no valor de 62 escudos e 50 centavos.

8.º Prova-se que no referido mês de julho e na noite de 10 para 11 furtaram da quinta dos Frades, que pertence ao queixoso Alfredo Mendes uma porção de fava no valor de 12 escudos.

9.º Prova-se que os reus além do crime já referido no artigo 1.º deste libelo pela prática dos furtos deduzidos nos artigos anteriores sem que concorressem as circunstâncias de terem sido cometidos de noite, com armas aparentes, por mais de 2 pessoas, com arrombamento e escalamento em casas não habitadas, estão como seus autores no n.º 3.º do artigo 427 com força dos n.ºs 1, 2, 3 e 7 do artigo 426 com referência ao n.º 4 do artigo 421.º do Código Penal.

10.º Prova-se que ainda os reus resistiram à autoridade fazendo fogo sobre a Guarda Republicana, com carbais e espingardas com que costumavam andar armados quando a mesma guarda pretendia prendê-los, praticando assim, os crimes previstos e punidos pelos artigos 86.º, n.º 1 e 253, § 1.º do Código Penal.

11.º Prova-se que contra os reus procede a circunstância agravante da acumulação de crimes anunciados no n.º 34 do art. 34.º do Código Penal, com referência ao art. 38.º

12.º Prova-se que nestes termos e nos de Direito, deve a acusação ser julgada procedente e provada e como sua consequência os reus condenados nas penas dos artigos citados, agravados se-

Passou no dia 25 de Fevereiro último, o primeiro aniversário deste nosso querido colega, denodado órgão da organização operária portuguesa.

Neste longo período de 12 meses, tem o nosso colega derramado deslumbrantes jorros de luz pelos cérebros operários, e enriquecido com denodo todos os tiranos que se tornam os cancores das classes produtoras, o que lhe tem valido ser perseguido por quantos baptistinos tem aparecido a gozarn este málfado país.

Ao colega as nossas saudações.

Julgamento de trinta e um rurais

Prossegue no tribunal de Évora o julgamento deste célebre processo, obra maquiavélica dos lavradores reaccionários

♦ ♦ ♦ ♦ ♦ nários ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

EVORA, 22.—C.—Prosseguiu hoje, em segunda audiência, o julgamento dos nossos camaradas rurais, vítimas da má fé de muitos lavradores, cujo espírito reaccionário se compraz em perseguir os trabalhadores, só porque estes não estão dispostos a continuar a vida de miséria e escravidão que tem sofrido através dos séculos, devido à sua ignorância e passividade.

Como os escravos de ontem comessem por bater o pé, fazendo sentir aos seus senhores que um mundo novo ia surgir, todo de justiça e liberdade, pondo ponto final na grande e horrível sa série de injustiças produzidas pela organização capitalista da sociedade, trataram os poderosos de forjar uma solene vingança contra aqueles, arrastando, ao banco dos reus, os elementos mais activos e inteligentes da classe rural.

O libelo acusatório é uma peça reveladora do ódio negregado da burguesia, que procura envolver, nas apertadas malhas dos artigos dos códigos, algumas dezenas de homens reconhecidos como trabalhadores honestos, não escapando mesmo um que é proprietário, só porque não acompanha o bando negro da reacção que pretende impôr-se a tudo e a todos em Évora.

O libelo acusatório

Para que os nossos leitores, possam apreciar, devidamente, a vontade que os trabalhadores tem em aniquilar as vítimas do tramo que arquitetaram, inserimos o libelo acusatório que, depois de enunciar os nomes dos acusados, começa assim: Diz o agente do ministério público, com fundamento nos artigos seguintes: 1.º Prova-se que os reus tendo constituído uma associação de malfatores com o fim de praticar furtos nas quintas próximas desta cidade, sob o pacto secreto entre eles firmado de não revelar a existência da associação ou dela não fazer parte quando para isso fosse convidado pelo artigo 2.º do Código Penal.

2.º Prova-se que na execução dos fins da Associação, em que eram direcção ou comando os reus Miguel Joaquim Faria e José Sebastião Cebola, todos os reus praticaram vários furtos nos últimos cinco anos, estabelecendo o pavor entre os habitantes da região.

3.º Prova-se que em Maio de 1917, mas em dia que dos autos não consta, assaltaram a quinta do Espinho e furtaram ao queixoso Joaquim António da Costa, 45 decalitros de azeite que ali tinha depositado, no valor de 117 escudos.

4.º Prova-se que em Novembro de 1918 em noite não indicada nos autos arrombaram a porta do armazém existente na referida quinta do Espinho e dali furtaram ao mencionado Costa mais 500 decalitros de azeite no valor de 300 escudos.

5.º Prova-se que no ano findo de 1919, de 20 a 25 de Fevereiro furtaram ao queixoso Manuel Dias Rodrigues Descalço vinte e cinco borregos no valor de 125 escudos e nos últimos cinco anos a esta parte e por diversas vezes várias cabeças de gado no valor de 125 escudos e ainda mais 10 chibos com o valor de 12 escudos o que preiza o total de 262 escudos.

6.º Prova-se que anteriormente em dia de Janeiro do citado ano de 1919 furtaram ao queixoso Manuel Lopes da Mota Capitão, 70 galinhas, 5 coelhos, 4 patos, uma porção de laranja, 2 machados e 1 forquilha tudo no valor de 200 escudos, assaltando para esse efeito, a Quinta do Escrivão, que ao mesmo pertence.

7.º Prova-se que na noite de 12 para 13 de Junho de 1919, entraram na quinta de D. Helena, pertencente ao queixoso Domingos Fernandes Canelas e dali furtaram uma porção de batata, 1 ovelha e 1 borrego no valor de 62 escudos e 50 centavos.

8.º Prova-se que no referido mês de julho e na noite de 10 para 11 furtaram da quinta dos Frades, que pertence ao queixoso Alfredo Mendes uma porção de fava no valor de 12 escudos.

9.º Prova-se que os reus além do crime já referido no artigo 1.º deste libelo pela prática dos furtos deduzidos nos artigos anteriores sem que concorressem as circunstâncias de terem sido cometidos de noite, com armas aparentes, por mais de 2 pessoas, com arrombamento e escalamento em casas não habitadas, estão como seus autores no n.º 3.º do artigo 427 com força dos n.ºs 1, 2, 3 e 7 do artigo 426 com referência ao n.º 4 do artigo 421.º do Código Penal.

10.º Prova-se que ainda os reus resistiram à autoridade fazendo fogo sobre a Guarda Republicana, com carbais e espingardas com que costumavam andar armados quando a mesma guarda pretendia prendê-los, praticando assim, os crimes previstos e punidos pelos artigos 86.º, n.º 1 e 253, § 1.º do Código Penal.

11.º Prova-se que contra os reus procede a circunstância agravante da acumulação de crimes anunciados no n.º 34 do art. 34.º do Código Penal, com referência ao art. 38.º

12.º Prova-se que nestes termos e nos de Direito, deve a acusação ser julgada procedente e provada e como sua consequência os reus condenados nas penas dos artigos citados, agravados se-

gundo as regras do Direito Penal, e bem assim nas custas e selos dos autos. (Seguem 42 testemunhas de acusação).

A defesa deduzida pelo dr. Sobral de Campos

O nosso amigo e camarada dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da C. G. T., que se encarregou da defesa da maioria dos arguidos contestou deduzindo a seguinte defesa:

«Que os reus seus constituintes são homens honestos, bem comportados e trabalhadores, a quem muito pesam a injustiça e a violência de que estão sendo vítimas, negam os crimes de que os acusam neste processo, não só o de formarem uma associação de malfatores que nunca constituíram e que são incapazes de constituir, como também o de furto e o de resistirem à autoridade fazendo fogo sobre a guarda republicana. E assim, os reus além de negarem os crimes alegam também o bom comportamento e a pobreza, exceptuando, quanto a esta última circunstância, o rei Miguel Joaquim Faria, que é proprietário e quanto ao bom comportamento o rei Francisco Domingos, O Ralo que tem cadastro, reu este que sem prévia combinação contou poderes ao advogado da defesa dos outros reus—o qual com surpresa está acaba de verificar na procuração junta aos autos de quem, já agora, não recusa o mandato.»

As testemunhas inquiridas

Como dissemos, na primeira audiência realizada na sexta-feira, foram inquiridas as testemunhas de acusação, Alfredo Sabino, sargento da guarda republicana e Manuel Roado Fernandes ex-soldado da mesma guarda.

As testemunhas inquiridas na audiência de sábado foram: Anselmo Fernandes, Domingos Bastos, Francisco Trabuco e José Lopes, soldados da guarda; João José Fernandes, sobrinho do queixoso; e a alma negra do processo; Carvalho e Manuel Teixeira, sargentos da guarda; João Caetano, O Alfarrabeiro, guarda campestre que referindo factos que constavam já dum seu depoimento nos autos, diz, no entanto, com um notável desassombro e uma decidida firmeza, que sendo guarda campestre há uns trinta anos e fazendo esperas pela região das quintas nunca encontrou por ali os acusados só ou em grupo; Humberto Santos, José Estevão, Calisto Manoel, Narciso Lopes Capitão, primo dum dos queixosos e administrador da quinta desse queixoso; José Alves Couto, João António Madeira, filho dum dos reus.—o rural Jesuino José Madeira.

A defesa requereu que em virtude do que dispõe a Novíssima Reforma Judiciária esta testemunha não depoese. A acusação requereu em contrario e o juiz indeferiu o requerimento da defesa com o fundamento de que a testemunha não depunha sobre o acusado seu pai.

Há grande ansiedade em ver o desfecho deste processo, resultado da perversidade de criaturas indignas e desumanas que pretendem fazer a desgraça de dezenas de famílias.

A imprensa mercenária

Como ela prepara os povos para a guerra

PARIS, 24.—O *Eclair* escreve: A revista *The Start* publica um artigo sobre o esforço que os Estados Unidos devem fazer, a respeito da aviação com o fim de garantir a segurança do seu território. Entre outras cousas a mencionada revista diz: As indicações proporcionadas às autoridades militares americanas, pelos nossos agentes no estrangeiro, revelam-nos que os agentes alemães estão convencidos serem os seus heróicos exércitos que obterão agora a vingança tam ardentemente desejada.

Sob o pretexto de desenvolver as suas empresas de transportes e turismo, preparam uma frota aérea, enorme, não só pela sua tonelagem como pela rapidez das suas unidades.

As informações dos agentes promove-norizam os trabalhos das fábricas alemãs sobretudo nas de automóveis alemães se construem por séries, cruzadores aéreos de enorme grandez.

Essas revelações não deixam dúvidas sobre as intenções dos centrais, chegando o tempo de tomarmos os nossos disposições, não querendo ser suplantados por eles, nem ficar por trás a sua mercê.

Relativamente a franceses e ingleses, que continuam cegos, a sua sorte está de antemão decidida. —(Rádio).

O exército vermelho

obriga as tropas inglesas a retirar para Rastit

LONDRES, 24.—Apesar das suas promessas, os bolcheviques cortaram as estradas que conduzem a Rastit, capital da província do Chilon a 16 milhas a sueste de Euzelle e 150 a noroeste de Tahrani.

As pequenas forças britânicas de ocupação foram obrigadas a retirar para Rastit.—Rádio.

O que vai lá por fora

NA LITUANIA
Um apelo dos socialistas ao proletariado revolucionário mundial

Como um grito de dor e de desespero, lançaram os socialistas lituanos ao proletariado de todo o mundo o seguinte comovedor apelo, que nos mostra bem os belos frutos da vitória dos aliados, que, durante 5 anos, conseguiram—para que triunfasse a liberdade e a justiça—sustentar a guerra mais terrível e mais horrorosa de que reza a história.

«Camaradas! O partido comunista da Lituânia considera como seu dever participar ao proletariado revolucionário de todo o mundo qual a situação em que se encontra actualmente a nova república lituana, e pedir-lhe ao mesmo tempo o seu fraternal auxílio. Certamente que teréis lido na imprensa burguesa e social-patriota as declarações dos representantes oficiais do governo lituano sobre a «livre e democrática» república, que também contribui modestamente, com a sua cota parte, para a luta contra o «bárbaro bolchevismo».

Mas em vez disso, o verdadeiro caso é este: Em todo o país reina o estado de sítio; o poder está exclusivamente nas mãos dos comandantes militares, que dispõem, conforme lhes agrada, da liberdade e da vida dos trabalhadores. Em todo o país estão no orden do dias as prisões, as perseguições e as expulsões dos operários. Nas celas de tortura da polícia secreta maltratam-se os prisioneiros políticos. Falar de liberdade em tais condições é a mais descarada das hipocrisias.

«Não tem sido só o nosso partido—tam odiado pela burguesia—que tem sofrido perseguições, mas até os socialistas moderados da direita. Assim é que foram fuzilados os velhos e estimados membros do partido social-democrata, Wajukas e Smolski. Em Outubro do ano findo, os membros do comité central dos sindicatos de Kovno, que era composto (exceptuando um) de lituanos, naturais daquela cidade, foram presos e expulsos para a Rússia dos Soviets.

«No actual governo negro de Galwanowski, nem mesmo os socialistas da direita querem entrar. E é bom notar que este reacção Galwanowski tomou parte na conferência de Lucerna.

«A Lituânia pois Soviets foi saqueada pela reacção dos aliados e pela burguesia polaca e lituana. A negra reacção dos governos da Entente é a espada de Damocles que pendee sobre as cabeças dos oprimidos e abatidos proletários lituanos. Com efeito o nosso deplorado governo é simplesmente um fantasma nas mãos fortes dos potentados dos governos da Entente.

«Porisso, em nome dos martirizados proletários lituanos, invocamos o auxílio dos nossos irmãos da Europa Ocidental e da América, dirigindo-nos em especial aos trabalhadores dos países aliados.

«Salvai-nos das mãos dos «contra-revolucionários», diplomatas e militares dos vossos actuais governantes e da vossa burguesia, que, unida aos nossos exploradores, nos atormentam e nos obrigam a tomar parte nas conspirações contra os nossos irmãos da Rússia.

«Sois bastante esclarecidos e tendes poder para rejactar indignamente esta terrível e vergonhosa situação. Nós é que somos débéis e por isso a vós recorremos. Ajudai-nos, porque o podeis fazer.

«Quere-se que o nosso país entre no bloquo destinado a matar à fome a guarda avançada do proletariado revolucionário—a classe trabalhadora russa.

«Salvai-nos da ruína. Deveis fazê-lo porque o podeis. De todos os lados nos ameaçam os imperialistas polacos, a camarilha tzarista russa, os imperialistas alemães e os nossos próprios exploradores. Com um vigoroso golpe contra a horda da reacção mundial, podeis salvai-nos.

«Sabemos que para nos libertardes precisais primeiro libertar-vos a vós. Sabemos que as revoluções, embora consideradas necessárias, não podem ser feitas conforme a nossa vontade. Mas apesar de ainda não ter chegado a hora da revolução social, todavia tendes já força bastante para fazer frente ao poder dos débéis «tigres» desdentados e dos que se põem hipocritamente atrás da negra reacção e da pequena burguesia democrática, para esmagarem de modo bestial o proletariado de todo o mundo.

«Em nome dos proletários lituanos, postos a ferros, em nome dos nossos irmãos, os heróicos proletários russos, em nome da vossa emancipação e da libertação de toda a humanidade das pesadas cadeias do capitalismo, ajudai-nos. Ajudai-nos! Podeis; portanto, deveis fazê-lo.

O bureau Central do Partido Comunista da Lituânia.

PELA BULGÁRIA
Uma vitória do proletariado búlgaro.

Terminou com brilhante successo, na Bulgária, a greve dos correios e telegrafos e dos caminhos de ferro. Nem as atrocidades, nem as perseguições, conseguiram vencer a resistência e o entusiasmo dos grevistas.

Reúnem hoje sem falta, pelas 21 horas, na calçada do Combro, 38-A, 2.ª, todos os membros deste grupo a fim de tomarem resoluções importantíssimas sobre a situação da imprensa revolucionária.

Reúnem hoje sem falta, pelas 21 horas, na calçada do Combro, 38-A, 2.ª, todos os membros deste grupo a fim de tomarem resoluções importantíssimas sobre a situação da imprensa revolucionária.

Reúnem hoje sem falta, pelas 21 horas, na calçada do Combro, 38-A, 2.ª, todos os membros deste grupo a fim de tomarem resoluções importantíssimas sobre a situação da imprensa revolucionária.

Reúnem hoje sem falta, pelas 21 horas, na calçada do Combro, 38-A, 2.ª, todos os membros deste grupo a fim de tomarem resoluções importantíssimas sobre a situação da imprensa revolucionária.

Reúnem hoje sem falta, pelas 21 horas, na calçada do Combro, 38-A, 2.ª, todos os membros deste grupo a fim de tomarem resoluções importantíssimas sobre a situação da imprensa revolucionária.

Reúnem hoje sem falta, pelas 21 horas, na calçada do Combro, 38-A, 2.ª, todos os membros deste grupo a fim de tomarem resoluções importantíssimas sobre a situação da imprensa revolucionária.

O governo teve de aceitar as seguintes propostas apresentadas pelos grevistas:

1.º O governo reconhece os sindicatos como organismos dentro da lei.

2.º O governo reconhece o direito à greve.

3.º Antes de se retomar o trabalho devem ser licenciados os amarelos.

4.º Devem ser postos em liberdade todos os presos.

5.º Todos os condenados (cujo número sobe a mais de mil) devem ser anistiados, antes de se voltar ao trabalho.

Era tal a firmeza dos grevistas que, apesar dos telegramas enviados pelo comité dirigente, não quiseram retomar o trabalho, sem primeiro estarem bem convencidos que não se tratava de ranejos da autoridade.

Stambolski, o presidente de conselho búlgaro, que com a protecção das tropas francesas de ocupação tinha reprimido ferozmente as greves de Dezembro último, viu-se agora obrigado a fazer concessões perante a atitude decidida e corajosa dos grevistas ferroviários e dos correios e telegrafos.

PELA POLÓNIA
Um spelo ao proletariado mundial.

Os comunistas polacos dirigiram as organizações operárias de todo o mundo um apelo, pedindo-lhes que se impusessem por meio dum enérgico protesto internacional aos governos da Entente, para que estes deixassem de apoiar o governo reaccionário da Polónia.

«Na Polónia—escreveram eles—reina nas baionetas e o knote. Em Varsóvia elanguescem na prisão 250 camaradas. Na província, onde ainda se aplicam as torturas, perecem 300 presos políticos. Nos campos de concentração, em Cracóvia (Bialystock), estão internados centenas de camaradas, assim como nas cidades fronteiriças, Vilna, Minsk, Brest-Litovsk, etc.

Em Outubro, por ocasião da greve agrícola, foram presos e torturados mais de 800 camponeses. Os guardas espancam a caçada e com barras de ferro cercam as aldeias.

Proletários de todos os países! Organizei comícios de protesto contra o governo reaccionário polaco, e contra os dirigentes da Entente, que o sustentam. A causa dos mártires polacos é a vossa própria causa.»

NA UCRAINA
Milhares de judeus assassinados

Tem sido sobretudo neste país que os maiores actos de selvajaria se tem praticado contra as populações judaicas. Enforcam-se, fuzilam-se e queimam-se, as centenas e as milhares, velhos, mulheres e crianças. Em certas cidades, foram roubados e incendiados bairros inteiros. Segundo os relatórios apresentados pela Cruz Vermelha de Kiev, em 15 de Fevereiro último foram assassinados em Proskurov 1.650 judeus, em Elisabethgrad 1.520, e por todos os governos da Ucrânia se repetiram factos deste género.

NA ALEMANHA
A situação do proletariado

Mais uma vez sofreu uma derrota o proletariado alemão, que, sem dúvida, vai ser aquele que com maior sacrificio contribuirá para a causa da Revolução Social, em vista da falta de preparação dos partidos que lá dizem querer realizar o Socialismo.

Os comunistas e independentes não só não tinham previsto estes acontecimentos, mas até se mostravam desiludidos com a capacidade combativa do proletariado e com as suas faculdades revolucionárias.

No entanto—diga-se a verdade—os primeiros, apenas rebentou a greve geral, trataram imediatamente de propagar entre as massas as doutrinas comunistas, e incitá-las a combater por ideias claras e precisas.

Mas, quanto aos independentes, depois de terem espalhado entre o povo o fermento da revolta, abandonaram-na na hora de acção.

As massas, quando responderam com a greve geral ao golpe de estado dos militaristas, não tinham só por fim derubar esse governo, mas também libertar-se do regime dos Scheidemann e Noske, mas mais uma vez foram enganadas com promessas falsas e illusórias por causa da incapacidade revolucionária dos comunistas, motivada esta última pela feroz repressão de que tem sido vítimas.

Todavia, isto foi uma derrota rica de lições reconfortantes, que poderá trazer em breve uma vitória grandiosa. As massas adquiriram assim uma percepção mais nítida do seu papel, e compreenderam melhor o que constitui sua fraqueza, encontrando-se agora, deste modo mais bem armadas e experimentadas para a luta final.

Grupo pró-imprensa

Reúnem hoje sem falta, pelas 21 horas, na calçada do Combro, 38-A, 2.ª, todos os membros deste grupo a fim de tomarem resoluções importantíssimas sobre a situação da imprensa revolucionária.

Reúnem hoje sem falta, pelas 21 horas, na calçada do Combro

Os livros e os autores

A Batalha do Lys, pelo general Gomes da Costa, editor Reunión Portuguesa, Porto.

A grande guerra veio enriquecer as letras duma nova literatura que ali se está manifestando nas mais caprichosas variedades.

O livro do sr. Gomes da Costa, pelo nome e categoria de quem o subscree, e sobretudo pelas altas funções militares que o autor desempenhou na participação de Portugal na guerra, é um grande interesse histórico, e justificado foi o acolhimento que a obra teve por parte do público.

A Batalha do Lys não é uma colecta de impressões literárias mais ou menos vivas e animadas conforme o temperamento artístico do colorista. É o livro dum militar. O sr. Gomes da Costa escreve tecnicamente e em detalhes minuciosos a acção das duas divisões do seu comando, que suportaram na memória da data de 9 de Abril de 1919 o embate alemão que ficou conhecido pelo nome de batalha do Lys. O autor atribue o grave revés das tropas portuguesas aos planos de defesa do comando superior que privou o sector português das reservas indispensáveis — não se admite linha de combate sem reservas de apoio — e, quicá, ao governo, que o general acusa de ter amesquinhado e aniquilado todo o esforço das divisões portuguesas, quando o seu dever era reconstituir prontamente o corpo expedicionário, pondo-o em condições de prosseguir na guerra.

As causas da grande derrota de 9 de Abril sintetiza-las lucidamente o sr. Gomes da Costa em alguns artigos de que destacamos os principais: Redução excessiva dos quadros, excessiva fadiga dos homens, resultado dum longa permanência nas trincheiras, a questão das licenças de campanha e da rendição das unidades por tropas novas, perturbadas, provocadas pelos preparativos da rendição; e, sobretudo, ausência dum reserva geral pronta a actuar em qualquer direcção.

Quere dizer, o tremendo desastre em que perderam a vida milhares de portugueses, deve-se ao desleixo e imprevidência do comando superior e do governo que não atenderam a situação de inferioridade em que se encontravam as tropas da fronteira, apesar das advertências constantes e energicas do sr. Gomes da Costa que chegou a declarar num relatório: «Não posso deixar de declarar a responsabilidade que resulte do facto de se guarnecer uma frente tão extensa, com efectivos reduzidos». Os verdadeiros culpados do mortifício não foram chamados a responsabilidade, e o sr. Gomes da Costa chamado a Lisboa, depois do revés, foi enviado a Lisboa sob o pretexto de terminar ali uma campanha há muito concluída.

É interessante frisar que mais duma vez o general Gomes da Costa tem o desassombro de declarar que a guerra não era popular em Portugal. Não tinham porém a mesma opinião os empenhados que sacrificaram no matadouro da Flandres, por sua engrandecimento pessoal e político, a vida de tantos compatriotas seus, sacrificio inútil como previmos desde logo e que só agora eles próprios começam a reconhecer.

Páginas de Sangue, por Sousa Costa, editor Portugal-Brasil, Limitada, Lisboa.

É o sr. Sousa Costa um dos nossos mais fecundos escritores que nem por muito se dispere de deixar por nas suas obras requintes de arte e meticolosos cuidados de técnica.

O romanceiro do Fruto proibido, A Pecadora e Ressurreição dos mortos tem nas Páginas de Sangue um dos mais vivos e palpantes livros, e pena é que não lhe tivesse dado, agora em livro, um título menos folhetinesco, embora não lhe descobrisse a vermelhidão trágica das páginas.

É bem a Beira trágica dos Brândos e Marças, das violências assumidas e truculentas, retratada com mão firme e habil e um perfeito conhecimento dos menores detalhes históricos da ensanguentada época de pugnas fratricidas, do vendaval político que assolou o país na dolorosa transição do regime absoluto para a ficção constitucional.

Certas narrativas sugerem-me baixos-relevos antigos duma cruzera realista, onde passa como que um vago sopor épico vindo das velhas tragédias clássicas. E lê-se inintermitentemente, sem cansaço nem enfado a série vermelha de episódios sinistros, lazes de ódios e de furores selvagens, como se se passassemos comodamente uma galaxia de quadros, qual mais emocionante e colorido.

O craveiro da Janela, quadras de Augusto Gil, Livrarias Ailau de Bernaud.

Numa galante edição a que o grande artista Alberto de Sousa se associou também, o admirável lirico que é Augusto Gil brindou-nos com um lindo colar de cem quadras que são outras tantas pérolas cristalizadas na mais fina e doce emoção.

São bem portuguesas e castiças essas pequeninas joias que tem no fundo mais sentimento que arte, menos artificial que espontaneidade — e é isto o que caracteriza Augusto Gil dentro tanto cultivador de género.

O atheísmo, por Felix Le Dantec, tradutor de Faustino de Fonseca, 2.ª edição, editor Livraria Central, Editora, Lisboa.

O autor da Teoria nova de vida aborda o complexo problema com o poder duma profunda análise psicológica e um vasto cabedal científico, processo tam fora das propagações vulgares e do comum dos criticos. Não é um livre pensador quasi sempre balfo e sentimental quando não grotesco, que versa o delicado assunto e daí o interesse desta obra rigorosamente científica, cuja leitura aconselhamos a todos os que não se limitam simplesmente a negar, mas a negar com fundamento de causa.

M. R.

Bilhetes de electricos

O editor 1414 da Companhia Carris do Arco do Cego, perdeu 8 machos de bilhetes de electricos no valor de 63900. Pede a quem os achou o favor de entregar na estação do Arco do Cego ou na administração deste jornal, o que agradece.

Os livros e os autores

As greves em França e a C. G. T.

Até que enfim se agitou o proletariado francês, que, com a sua passividade perante os desvarios dos seus governantes, estava já causando assombro ao proletariado de todo o mundo.

A C. G. T., depois de ter perdido, em vão, tanto tempo, formulando programas de reorganização económica da sociedade burguesa, vinse afinal obrigada — e com grande descontentamento de toda a burguesia, que não cessava de tecer elogios às suas táticas reformistas — a declarar a greve geral, por ver que o aumento de salários não resolve os graves problemas da carestia da vida. Para tomar esta decisão, a C. G. T. certamente, sentiu-se violentamente empurrada para a frente, pelas massas, ansiosas por agir, e este facto dá-nos a esperança de que a França volta novamente a despertar para a revolução e que o operariado, já um pouco desfeito da embriaguez do triunfo, começa agora a compreender que, embora vitorioso, afinal é sempre o eterno vencido.

Está claro que com este movimento o proletariado francês não vai imediatamente melhorar a sua precária situação económica, pois que a nacionalização das redes dos caminhos de ferro, das minas, etc., nada significa, nem nada resolve do problema social. No entanto, esta agitação servirá de estímulo e terá sem dúvida grande influência sobre o proletariado dos outros países.

Tornar-se há mais experimentado com este movimento o povo francês, e pre-dispor-se há assim melhor para enveredar pelo único caminho que lhe pode garantir a sua emancipação integral.

É conveniente registar que no 1.º de Maio, em Paris — como já tem várias vezes acontecido na Itália — os soldados, apesar das ordens imperiosas dos seus superiores, não dispararam um único tiro sobre a multidão, tendo até aqueles, nalguns pontos, consentido, que os manifestantes se reungissem no seu seio, quando perseguidos mais de perto pelas fúrias da polícia.

É certamente já com receio disto que a burguesia vai procurando por todos os meios organizar agora as guardas brancas e corporações semelhantes.

Um bom exemplo

Os proprietários e encarregados de talhos apreciaram as reclamações da Associação de Classe dos Cortadores, e prontamente as atenderam porque, segundo uma circular da comissão dos mesmos proprietários, e-tá esta parte da classe patronal plenamente convicta da justiça que assiste aos reclamantes. Assim, conforme a reclamação dos seus assalariadros, ficaram estipulados os salários da seguinte maneira: oficiais de casas de primeira, segunda e terceira categoria, respectivamente 29, 25 e 21 escudos; ajudantes com prática de iguais categorias, 25, 21 e 18 escudos; ajudantes, 10, 14 e 12 escudos. Fica esta tabela em vigor a partir de 23 de Abril p. p.

Há a notar que estes proprietários se mantiveram sempre com a máxima correcção, procedimento que bastante contrasta com o geralmente seguido por outros patrões. Eram absolutamente justas as reclamações, e atenderam-nas na íntegra sem usarem de collatras.

Éis um bom exemplo, que os outros patrões devam seguir.

Empregados dos Correios e Telégrafos

Amanhã irá uma comissão delegada das Associações de Classe dos Correios e Telégrafos reclamar a sua reabertura com o fundamento que já funcionam todas as Associações encerradas durante as últimas greves.

Brevemente ali se realizarão reuniões a fim de apreciar assuntos de carácter colectivo.

O auxilio a "A Batalha"

Um após outras vão as diversas classes operárias manifestando o seu carinhoso interesse pela vida do portavoza da organização operária, arrancando, às dificuldades do seu viver, as migalhas que se transformam em potentes munhões que alimentam a Batalha.

Na sua assembleia de ontem, a classe dos inscritos marítimos depois de tratar da situação do jornal dos trabalhadores, aprovou a seguinte moção:

Considerando que a Batalha é o portavoz da organização operária; considerando que ela luta com graves dificuldades, chegando a ter por mês um deficit de 3.152.000;

considerando que seria um crime cometido pelas classes trabalhadoras deixar succumbir o seu órgão que a defende;

considerando que nunca como na presente ocasião se fez sentir a necessidade que existe na imprensa um jornal órgão das mesmas classes;

considerando que em harmonia com o que foi resolvido pela U. S. O. não devem os inscritos marítimos, deixar de acatar essa resolução;

Os inscritos marítimos, reunidos em assembleia geral, resolvem:

1.º Que todos os sócios, se cotizem com 1 centavo por cada selo de 10 centavos.

2.º Que, quando algum sócio, que de futuro queira cotizar com maior importância não seja tido a parte para não satisfazer as suas aspirações.

3.º Que esta moção entre imediatamente em vigor, a seguir à data da aprovação.

Perseguições governamentais

Comissão pro-presos por questões sociais

Reuniu esta comissão tomando conhecimento duma carta dos camaradas políticos do Brasil e deportados pelo governo português para Cabo Verde, onde se encontram detidos. Exponem eles a situação miserável que atravessam, pois desde 9 de Fevereiro que o governo não lhes fornece alimentação e alojamento, nem mesmo trabalho, tendo alguns pessoas feito uma quebra de rendas 1000, para enviarem um telegrama ao deputado socialista Campos Melo, pedindo-lhe para interceder pela sua libertação, respondendo a seguinte carta: «A tua carta chegou a este senhor que já tinha feito a reclamação junto do governo e que enviasses requerimentos ao ministro das colónias, para obterem a libertação. Os deportados fizeram os requerimentos, enviando-os ao chefe do porto que se prontificou a remetê-los ao governador de Cabo Verde, com a nota do procedimento dos presos.

Esta comissão teve conhecimento que já foi restituído a liberdade o operário do município Augusto Luis, que depois de um ano de prisão no Alentejo, foi julgado por ser grevista, sendo solto a comissão de libertação que os camaradas que são soltos o não comunicam a mesma.

Dum grupo de camaradas canteiros das obras da S. C., recebeu a quantia de 3600.

A BATALHA

Condições em que são tratados operários

Mas temos mais. Supunhamos mesmo que o contratado pretende justificar a sua falta. Qual a forma de o fazer? Só há uma. O atestado médico. Para apresentar esse atestado encontra-se às vezes pela frente um médico inimigo de passar atestados e que, desejoso de se ver livre dessa massada, lhe põe mil entraves, além do que — isto é o mais importante — gasta nesse atestado quasi tanto como a categoria que perderá se o não apresentar, pois tem a pagar papel selado, selo da contribuição industrial e emolumentos do respectivo facultativo. A diferença não paga o trabalho que se tem e o favor em que se fica ao médico. Mais porque o funcionário em África, mais feliz que o contratado — escravo, não está, a maioria das vezes, para ligar importância a essas coisas, para o contratado, são prisões terríveis.

Vamos à segunda parte desta cláusula. Para ela pedimos a atenção devida do público, pois tem o seu que de interessante e uma respeitável dose de infâmia:

«No caso de outras doenças receberá só o vencimento de categoria».

Isto, se não mettesse nojo, seria para pôrmos a mão na barriga, e começarmos a rir até ao Dêmo dizer bonda.

«O que virá a ser outras doenças, onde se não mencionam nenhuma? Ou o legislador de contratas estava a chuchar com a rapaziada (é o termo), ou era dos tais que trazem a carteira cheia de diplomas e cursos, que temos a fatalidade de granar a regulamentarem o trabalho nos climas tropicais. Isto prova a inconsciência com que tudo se faz para as colónias, onde, dizem eles, as magaltes, é preciso o braço do operário, para o seu desenvolvimento.

E depois, desta enorme massa confusa, resulta a confusão também das interpretações. Advogados, aprendizes de advogados, funcionários de Fazenda (que são os esperantistas coloniais), começam de arranjar ou forjar interpretações, escocitando na Mulher Médica em sua casa ou na Medicina Contemporânea, o que vem a ser aquele beribicho de outras doenças, onde não há nenhuma mencionada.

E vai daí, os grandes sabões, que não vieram da Grécia, mas com quem o operário se vê grão, são logo em tirar daqueles cérebros ócos de tudo, o diagnóstico de que as outras doenças são vêneno e sifilite!!!

E é ao sabor destes patetas, enciclopédicos de meia tigela, que o operário, quando assina um contrato, fica sujeito.

COLONIAL

Na greve do pessoal dos electricos

Continuam parados os electricos, mantendo-se o respectivo pessoal na mesma atitude do dia anterior. Este tem continuado a reunir em grande numero na sede do seu sindicato de resistência, havendo algumas das suas comissões conferenciado com a veracão municipal, até agora sem resultado apreciavel, tudo indicando que o mo. Companhia não mostra interesse em concorrer para a sua solução e, por sua vez, o pessoal está disposto a não retornar o trabalho sem que atendidas sejam as suas justas pretensões, de há muito formuladas.

O serviço de comboios é aumentado

«Por motivo da greve dos electricos circulará a partir de hoje, 18, comboios especiais entre o Cais de Sodré e Algueiros, com os actualmente existentes, um total de 40 comboios entre estas duas estações, distribuídos pelo seguinte horário:

Partidas do Cais de Sodré: 6.40, 7.23, 8.30, 9.00, 9.50, 10.30, 11.30, 13.00, 13.50, 14.45, 16.00, 17.15, 17.30, 18.00, 18.40, 19.30, 20.00, 22.30 e 0.40.

Partidas de Algueiros: 6.43, 8.06, 8.25, 9.10, 9.20, 10.30, 11.15, 12.00, 13.32, 14.30, 16.21, 16.33, 18.00, 18.28, 18.37, 20.32, 21.30, 23.15, 1.00.

Sobre paragens convém que o público consulte os horários afixados nas estações.

A atitude da Câmara

Reuniu-se ontem de tarde, em sessão pública, a comissão executiva da Câmara Municipal de Lisboa para apreciar o estado da questão dos electricos e as rápidas providencias a tomar para lhe dar fim. Assistiram representantes da minoria socialista.

Por unanimidade e de acordo, com o presidente da Câmara, resolveu-se convocar para ontem mesmo, às 21 horas, a comissão especial de viação, eleita na última sessão e composta dos srs. José Gregório de Almeida, Ryder da Costa e Cesar dos Santos, socialistas.

EM LIBERDADE

Foram ontem restituídos a liberdade os operários tipógrafos António Ramos Júnior, Alfredo Rodrigues, Tomás de Aquino e Augusto Miguel de Sá, que há sete dias se encontravam presos, o primeiro sob a acusação de ter empastelado a tipografia de A Manhã e os restantes como convenientes nesse acto, facto a que por vezes fizemos referência.

ANATURALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativo dos Catraeiros do Porto de Lisboa. — Reunio hoje, extraordinariamente, a assembleia geral desta colectividade, pelas 18 horas.

Na Companhia do Gaz

Ontem pelas 23 horas deu-se uma fusão numa caixa das Companhias Reunidas de Gaz e Electricidade, resultando produzirem-se comecios de incendio em vários pontos da cidade. Na travessa do Convento, a Jesus, 2, segundo nos informam, foi o principio de incendio extinto pelo guarda 1328 da 5.ª esquadra.

COLUNA ESPERANTISTA

Portugalia Laborista Esperanto. — Fez-se convocação para reunião de grande importância a reunir hoje, às 21 horas, na sede, o conselho geral.

Pede-se a compreensão de todos os delegados tanto activos como suplentes.

Impressores Tipográficos. — Reunio hoje a direcção deste sindicato. Pede-se a compreensão de todos os seus membros devido a importância dos assuntos a tratar.

SINDICATOS da PROVINCIA

Sindicato Unico da Construção Civil do Porto. — Comissão de Melhoramentos. — Foi convocada a reunião dos marmoristas a reunir hoje, terça-feira, pelas 18 horas, na sede do S. U., rua do Alentejo, para tratar de assuntos de interesse da categoria.

Impressores Tipográficos. — Reunio hoje a direcção deste sindicato. Pede-se a compreensão de todos os seus membros devido a importância dos assuntos a tratar.

Comissão de transferência de operários

A comissão de admissão e transferência de operários das obras do ministério da obra, convidou o pessoal operário das obras a seu cargo, que se encontram encerrados, a comparecer depois de amanhã, 22, pelas 11 horas na sede da Comissão (Cais da Mercês).

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de S. José recebeu curativo José Duarte, de 15 anos, trabalhador e residente na rua do Arco do Carvalhal, que tendo um aneurisma numa obra na Avenida Duque de Loulé, ficando contuso no corpo.

No posto médico da Cruz Vermelha, do Terceiro, para Paço, recebeu um do dr. António Fernandes Arada, 15 anos, frageiro, residente na rua do Pinheiro, 16, 1.º, que deu uma queda a bordo da fragata, e a 300 atacada no Cais da Alfândega, ficando ferido na perna direita.

Comissão de transferência de operários

A comissão de admissão e transferência de operários das obras do ministério da obra, convidou o pessoal operário das obras a seu cargo, que se encontram encerrados, a comparecer depois de amanhã, 22, pelas 11 horas na sede da Comissão (Cais da Mercês).

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de S. José recebeu curativo José Duarte, de 15 anos, trabalhador e residente na rua do Arco do Carvalhal, que tendo um aneurisma numa obra na Avenida Duque de Loulé, ficando contuso no corpo.

No posto médico da Cruz Vermelha, do Terceiro, para Paço, recebeu um do dr. António Fernandes Arada, 15 anos, frageiro, residente na rua do Pinheiro, 16, 1.º, que deu uma queda a bordo da fragata, e a 300 atacada no Cais da Alfândega, ficando ferido na perna direita.

Comissão de transferência de operários

A comissão de admissão e transferência de operários das obras do ministério da obra, convidou o pessoal operário das obras a seu cargo, que se encontram encerrados, a comparecer depois de amanhã, 22, pelas 11 horas na sede da Comissão (Cais da Mercês).

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de S. José recebeu curativo José Duarte, de 15 anos, trabalhador e residente na rua do Arco do Carvalhal, que tendo um aneurisma numa obra na Avenida Duque de Loulé, ficando contuso no corpo.

No posto médico da Cruz Vermelha, do Terceiro, para Paço, recebeu um do dr. António Fernandes Arada, 15 anos, frageiro, residente na rua do Pinheiro, 16, 1.º, que deu uma queda a bordo da fragata, e a 300 atacada no Cais da Alfândega, ficando ferido na perna direita.

Comissão de transferência de operários

A comissão de admissão e transferência de operários das obras do ministério da obra, convidou o pessoal operário das obras a seu cargo, que se encontram encerrados, a comparecer depois de amanhã, 22, pelas 11 horas na sede da Comissão (Cais da Mercês).

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de S. José recebeu curativo José Duarte, de 15 anos, trabalhador e residente na rua do Arco do Carvalhal, que tendo um aneurisma numa obra na Avenida Duque de Loulé, ficando contuso no corpo.

No posto médico da Cruz Vermelha, do Terceiro, para Paço, recebeu um do dr. António Fernandes Arada, 15 anos, frageiro, residente na rua do Pinheiro, 16, 1.º, que deu uma queda a bordo da fragata, e a 300 atacada no Cais da Alfândega, ficando ferido na perna direita.

Almas notícias

Em França

O presidente da república viajando, perde os sentidos e cai à linha, segundo este telegrama algo charadístico

PARIS, 24. — O presidente da república, tendo deixado Paris, ontem, à noite, dirigiu-se a Montbrisen, onde devia ter lugar hoje a inauguração do monumento erigido em memória do senador Raymond, aviador morto ao serviço de França.

A viagem do presidente foi contrariada por um incidente que, contudo, não teve felizmente consequências graves.

O sr. Deschanel havia sido tomado na noite de sábado por um acesso de gripe bastante violento não tendo querido todavia modificar as disposições tomadas.

No decurso da viagem, o sr. Deschanel tendo-se sentido incomodado com o calor, dirigiu-se a uma das janelas, que abriu para tomar ar, mas provavelmente devido à brusca mudança de temperatura perdeu os sentidos e caiu à linha. A felicidade quis que naquele momento o comboio levasse uma marcha moderada e que o balastre naquele ponto estivesse bem coberto de areia.

O presidente recuperou imediatamente os sentidos e levantando-se dirigiu-se ao primeiro posto que encontrou de guardas da linha.

O sub-prefeito de Montargis prevenido imediatamente do caso chegou pouco depois em automóvel e conduziu o presidente à Sub-prefeitura.

O sr. Deschanel sofreu algumas contusões, mas sem gravidade, tendo telefonado logo próprio à sua família a fim de a tranquilizar.

O presidente da república, acompanhado do presidente do conselho, dirigiu-se a Montargis. O ministro do interior, que acompanhava o presidente na sua viagem, bem como a respectiva comitiva, continuou a sua viagem para Montbrisen, onde se realizou hoje a cerimónia em honra do senador Raymond. — Rádio.

NA ITÁLIA

Tentativa de suicidio em pleno tribunal

MILÃO, 25. — Os debates do processo do Banco de Lupa foram interrompidos por um incidente dramático. Durante a audiência, Luppi levantou-se do seu banco e disparou dois tiros de revolver no peito. O acto foi tão rápido que os carabinieri que o guardavam não tiveram tempo de intervir. Luppi, parece que está gravemente ferido. Antes de atender contra a sua vida, havia escrito uma carta ao seu advogado comunicando-lhe a decisão de se suicidar. — Rádio.

Na Bélgica

No que consistem as gr. ndes

BRUXELAS, 24. — Reunio a comissão mixta de minas, que aprovou o regulamento definitivo que concede aos operários uma indemnização de 20 % do salário, no caso de enfermidade. Nas minas de carvão, onde foi estabelecido um serviço farmacêutico gratuito, a indemnização no caso de enfermidade será também de 20 %. O regulamento entrará em vigor em 1 de Junho próximo. — Rádio.

Dirigível perdido?

Não há noticias do dirigível S-33

LONDRES, 22. — Carece-se de noticias do dirigível S-33, que saiu na sexta-feira à noite de Selvy para esta capital. A aeronava traz a seu bordo uma tripulação mixta inglesa americana. — Rádio.

Os julgamentos em Evora

As testemunhas de acusação caiem em flagrantes contradicções

EVORA, 24. — Continuou o depoimento das testemunhas de acusação, contradizendo-se, na prova do depoimento. Os seus depoimentos terminam amanhã. Seguiu-se o depoimento das testemunhas de defesa entre o mesmo aparato bélico, pelo que a população se encontrava indignadíssima, tendo esboçado conflitos com a guarda à porta do Tribunal. (ENVIADO ESPECIAL).

Os efeitos da raiva

Procurou-nos ontem o operário Domingos Santos Oliveira, acompanhado de sua compãheira, residentes em Almada, que nos disseram que tendo sua única filha Eulália Diniz de Oliveira, seis meses, em 4 de Abril, por um cão que estava atacado de raiva, nesse mesmo dia vieram ao Instituto Pasteur, para solicitar a criação de tratamento, não tendo dali entrada por ser domingo, mas começaram com o tratamento no dia seguinte. A pobre pequena, porém, apesar disso, veio a falecer da terrível doença na passada sexta-feira e como poderia supor-se que as responsabilidades da sua morte pertencem aos pais, em cujos braços faleceu, pedem-nos que tornemos publico que não houve da sua parte menos cuidado, o que de resto não seria compatível com o grande afecto que dedicavam à interessante criança.

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de S. José recebeu curativo José Duarte, de 15 anos, trabalhador e residente na rua do Arco do Carvalhal, que tendo um aneurisma numa obra na Avenida Duque de Loulé, ficando contuso no corpo.

No posto médico da Cruz Vermelha, do Terceiro, para Paço, recebeu um do dr. António Fernandes Arada, 15 anos, frageiro, residente na rua do Pinheiro, 16, 1.º, que deu uma queda a bordo da fragata, e a 300 atacada no Cais da Alfândega, ficando ferido na perna direita.

Comissão de transferência de operários

A comissão de admissão e transferência de operários das obras do ministério da obra, convidou o pessoal operário das obras a seu cargo, que se encontram encerrados, a comparecer depois de amanhã, 22, pelas 11 horas na sede da Comissão (Cais da Mercês).

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de S. José recebeu curativo José Duarte, de 15 anos, trabalhador e residente na rua do Arco do Carvalhal, que tendo um aneurisma numa obra na Avenida Duque de Loulé, ficando contuso no corpo.

No posto médico da Cruz Vermelha, do Terceiro, para Paço, recebeu um do dr. António Fernandes Arada, 15 anos, frageiro, residente na rua do Pinheiro, 16, 1.º, que deu uma queda a bordo da fragata, e a 300 atacada no Cais da Alfândega, ficando ferido na perna direita.

Comissão de transferência de operários

A comissão de admissão e transferência de operários das obras do ministério da obra, convidou o pessoal operário das obras a seu cargo, que se encontram encerrados, a comparecer depois de amanhã, 22, pelas 11 horas na sede da Comissão (Cais da Mercês).

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de S. José recebeu curativo José Duarte, de 15 anos, trabalhador e residente na rua do Arco do Carvalhal, que tendo um aneurisma numa obra na Avenida Duque de Loulé, ficando contuso no corpo.

No posto médico da Cruz Vermelha, do Terceiro, para Paço, recebeu um do dr. António Fernandes Arada, 15 anos, frageiro, residente na rua do Pinheiro, 16, 1.º, que deu uma queda a bordo da fragata, e a 300 atacada no Cais da Alfândega, ficando ferido na perna direita.

Comissão de transferência de operários

A comissão de admissão e transferência de operários das obras do ministério da obra, convidou o pessoal operário das obras a seu cargo, que se encontram encerrados, a comparecer depois de amanhã, 22, pelas 11 horas na sede da Comissão (Cais da Mercês).

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de S. José recebeu curativo José Duarte, de 15 anos, trabalhador e residente na rua do Arco do Carvalhal, que tendo um aneurisma numa obra na Avenida Duque de Loulé, ficando contuso no corpo.

No posto médico da Cruz Vermelha, do Terceiro, para Paço, recebeu um do dr. António Fernandes Arada, 15 anos, frageiro, residente na rua do Pinheiro, 16, 1.º, que deu uma queda a bordo da fragata, e a 300 atacada no Cais da Alfândega, ficando ferido na perna direita.

Comissão de transferência de operários

A comissão de admissão e transferência de operários das obras do ministério da obra, convidou o pessoal operário das obras a seu cargo, que se encontram encerrados, a comparecer depois de amanhã, 22, pelas 11 horas na sede da Comissão (Cais da Mercês).

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de S. José recebeu curativo José Duarte, de 15 anos, trabalhador e residente na rua do Arco do Carvalhal, que tendo um aneurisma numa obra na Avenida Duque de Loulé, ficando contuso no corpo.

No posto médico da Cruz Vermelha, do Terceiro, para Paço, recebeu um do dr. António Fernandes Arada, 15 anos, frageiro, residente na rua do Pinheiro, 16, 1.º, que deu uma queda a bordo da fragata, e a 300 atacada no Cais da Alfândega, ficando ferido na perna direita.

Comissão de transferência de operários

A comissão de admissão e transferência de operários das obras do ministério da obra, convidou o pessoal operário das obras a seu cargo, que se encontram encerrados, a comparecer depois de amanhã, 22, pelas 11 horas na sede da Comissão (Cais da Mercês).

Rendimentos dos operários

No banco do hospital de S. José recebeu curativo José Duarte, de 15 anos, trabalhador e residente na rua do Arco do Carvalhal, que tendo um aneurisma numa obra na Avenida Duque de Loulé, ficando contuso no corpo.

No posto médico da Cruz Vermelha, do Terceiro, para Paço, recebeu um do dr. António Fernandes Arada, 15 anos, frageiro, residente na rua do Pinheiro, 16, 1.º, que deu uma queda a bordo da fragata, e a 300 atacada no Cais da Alfândega, ficando ferido na perna direita.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Realizam-se hoje os seguintes funerais: João Esteves Sá Pires, às 14, de Francisco Pires de Oliveira, às 16, do hospital de Rego; D. Maria Fernandes Ventura, às 16, das ruas dos Panqueiros 96; D. Maria Angélica Elias Rodrigues Trigueiras, às 16, da rua Pascoal de Melo, 67; D. Mariana de Jesus Figueiredo, às 16, do Beço dos Bispos, 35; D. José Rodrigues, às 16, da rua S. Miguel, 45; José Rodrigues, às 16, da rua de S. Ciro, 33.

OBITUARIO

Cadaveres inhumados nos seguintes cemitérios: Prazeres dia 22 — Abílio Filomena Ferreira de Gouveia, 66 a; Lúdlia da Conceição Nobre, 9 a.

Idem dia 23 — Eurídice Cordeiro Seixas, 16 a; Mariana Brera Tibassa, 1 a; Francisco Carlos Botelho Mont'Alvares, 63 a; Benilda dia 23 — Augusto Custódio Martins, 40 a; Decio de Oliveira Betencourt, 18 m.

MOVIMENTO MARÍTIMO

Entradas em 24

Vapor inglês, «Thistle», de Gibraltar; Vapor inglês, «Cortes», de Londres; Vapor português, «Funchal», dos Açores; Vapor americano «Lake Fankiner», de Gibraltar; Vapor holandês, «Limburg», de Amsterdan; Vapor dinamarquês, «Vesta», de Algeir.

Saídas

Vapor «Limburg», para Buenos Aires; Vapor suco, «Mansura», para o Porto; Vapor alemão, «Ariadne», para Hamburgo; Vapor português, «Pescador», para Sevilha; Vapor inglês, «War Khan», para Key West; Vapor americano, «Lake Fankiner», para Constantinopla; Vapor americano, «Otogi Fairbank», para Filadélfia; Vapor brasileiro, «Tapalpa», para o Havre; Vapor português, «Jules», para Terra Nova; Vapor americano, «Goliath», para Southampton; Vapor francês, «Vimp», para Rouen.

TEATROS & CINEMAS

Noticias

Aumento de dia para dia do entusiasmo do público pela obra de homenagem a Palmira Bastos, que se efectua quinta-feira no Nacional. Nessa noite representar-se-á a «Fiducia», com a festividade na parte de protagonista, havendo também novidade da estreia de Brazão, no papel de S. S. de outros interpretes, que serão Maria Pia, Rafael Marques e Erika Braga, em papéis de mais destaque, além doutros artistas.

Recitales

O novo quadro O Sonho do Baptista, estreado no Apolo, é uma afortunada ampliação da famosa revista Pami que, com o seu texto, já há muito excedeu a capacidade de representação. Agora, com esta nova atracção recobrarão novos alicios, indo com o tempo de feição até ao final da temporada, visto que